

O papel dos sistemas alimentares para o Desenvolvimento Sustentável

Jornal da Universidade / 22 de maio de 2024 / Artigo



Artigo | Doutoranda em Sociologia, Marcela Donini de Lemos aponta que, além de estarem entre os setores mais impactados pelas enchentes, os sistemas alimentares também estão entre os principais emissores de gases de efeito estufa

*Foto: Flávio Dutra

Já não há mais tempo a perder. Pensava-se até há pouco que os eventos climáticos extremos estariam em nosso futuro próximo. Que restaria uma lacuna de tempo para colocar em prática medidas de mitigação. Entretanto, a realidade presente no estado do Rio Grande do Sul já é vivenciada por muitos moradores. Nesse contexto, o temor pelo desabastecimento, principalmente do setor alimentício, fez com que as prateleiras ficassem vazias e a procura por água se tornou um desafio diário.

O que está sendo vivido há mais de vinte dias em nosso estado demonstra mais uma evidência de que os padrões de desenvolvimento baseados em aspectos eminentemente econômicos não têm mais sentido, parecem até ser um crime contra a humanidade. Organizações internacionais como a ONU, estudiosos e pesquisadores reconhecem como ponto crucial os sistemas alimentares, sendo um dos setores mais impactados pelas mudanças climáticas, mas também grandes responsáveis por elas.

Em 2022, a Organização das Nações Unidas pela Alimentação e Agricultura (FAO) lançou relatório evidenciando que 43% das emissões de gases de efeito estufa nas Américas eram de responsabilidade dos sistemas alimentares, 9% maior que no ano de 2020, demonstrando um aumento das emissões, ao invés da diminuição. No caso do Brasil os dados são mais alarmantes, 73,7% das emissões do país em 2021 foram de responsabilidade dos sistemas alimentares; destes, 78% provinham somente do setor de pecuária de corte, segundo relatório lançado em parceria com o Observatório do Clima, em outubro de 2023.

Os dados deixam evidente que o modelo agroexportador colocado em prática está contribuindo para o aumento da emissão dos gases de efeito estufa e consequentemente para o acirramento dos eventos climáticos extremos. Ao mesmo tempo, as perdas do mesmo setor já estão na casa dos bilhões de reais com o último acontecimento, preocupando especialistas até mesmo com um possível novo êxodo rural nas regiões mais atingidas, visto que a lama tomou conta da terra que antes era produtiva. Será necessário importar alimentos para esta terra que não está fazendo jus ao dito “onde tudo o que se planta cresce”.

Dados seguros, estudos científicos e até mesmo exemplos de outros países não parecem ser suficientes para que atitudes em diferentes âmbitos e esferas sejam tomadas no sentido de colocar em prática um outro modelo de desenvolvimento.

É preciso ter em mente que as relações dos seres humanos com a natureza não podem continuar da mesma forma. Como Ailton Krenak enuncia, não podemos continuar tratando a natureza como “recursos naturais”, parecendo que estão disponíveis para serem utilizados, como em uma dispensa.

Outro modelo de desenvolvimento foi proposto no ano de 2015, enquanto pacto global, assinado por 193 países. A Agenda 2030, conhecida pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), estão na metade de seu prazo de implementação, sem avanços consideráveis.

Longe de ser uma agenda revolucionária, os ODS colocam em pauta o desenvolvimento baseado nos aspectos ambiental, social e econômico. Entretanto, agências de monitoramento de seus objetivos, como o Relatório Luz, demonstram a ineficiência do país em avançar com a Agenda em todos os níveis de governança, com exceção de poucos exemplos.

A Agenda 2030 pode não ser a escolha mais palatável para muitos, sendo até passível de críticas em diversos âmbitos. Por um lado muitos dizem não ser suficiente, levando em consideração aspectos econômicos mesmo em momento de urgência. Já outros pensam ser bastante utópica e ambiciosa, sem grandes possibilidades de articulação. Entretanto, como Giddens nos convida a pensar, o Desenvolvimento Sustentável deve ser reconhecido como um processo de relevância contínua, além do qual não há no momento outra alternativa com força para ser pensada no âmbito global. O que é certo é que não há tempo a perder.

Marcela Donini de Lemos é professora de Sociologia, doutoranda em Sociologia no PPGS/UFRGS e participa do GEPAD.

“As manifestações expressas neste veículo não representam obrigatoriamente o posicionamento da UFRGS como um todo.”

:: Posts relacionados



As cheias e as praças e parques de Porto Alegre: impacto e oportunidade



UFRGS declara emergência climática e ambiental | 28.11.24



Expedição à Antártica busca trazer novos dados para subsidiar pesquisas sobre mudanças climáticas



A influência da cultura na alimentação

INSTAGRAM

ufrgs.jornal
@ufrgs.jornal

Follow

REALIZAÇÃO

JORNAL DA
UNIVERSIDADE

UFRGS
SECOM

UFRGS

CONTATO

Jornal da Universidade
Secretaria de Comunicação Social/UFRGS

ISSN 2966-4675

Av. Paulo Gama, 110 | Reitoria – 8.andar | Câmpus Centro |
Bairro Farroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP:
90040-060

jornal@ufrgs.br

View on Instagram